



A PESSOA HUMANA COMO OBJETO DO AMOR DE DEUS, MANIFESTADO NA CRIAÇÃO, NA ENCARNAÇÃO E NA MISERICÓRDIA

(The Human Person as object of God's Love,
expressed in the Creation, Incarnation and Mercy)

Antônio de Pádua Santos

Mestrando em Teologia pela PUC/SP

Bacharel em Teologia

E-mail: aps57@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho de argumentação teológica tem três subtítulos, sendo que cada um trata de um dos seus aspectos. No primeiro, sobre a criação, encontram-se os dados conforme nos apresenta a Sagrada Escritura, o desenvolvimento da teologia criacionista e a confirmação de que a ciência e a teologia podem iluminar-se mutuamente desde que respeitando cada uma as especificidades alheias. No segundo, sobre a encarnação, confirma-se que Deus não é alheio à sua obra, pois, depois de criá-la, a continuou velando a ponto de enviar seu Filho para levá-la à plenitude. O Verbo se fez carne, se fez homem no ventre de Maria, para que o ser humano participasse da vida divina. No terceiro, sobre a misericórdia, trata da atenção divina aos seres humanos mais fragilizados e como essa atenção se torna central no plano da salvação para aqueles que conheceram Jesus Cristo e querem fazer parte do seu Reino.

Palavras-Chave: Criação; Encarnação; Misericórdia.

ABSTRACT

This theological argument job has three sections, each of them dealing with one of its aspects. In the first, on the creation, there are the data as presented in the Holy Scriptures, the development of creationist theology and confirmation that science and theology can illuminate each other since respecting each others' differences. In the second, on the incarnation, it is confirmed that God is not unfamiliar to his work because, after creating it, continued veiling about to send his Son to bring it to fullness. The Word became flesh, became man in the womb of Mary, so that human being could take part in the divine life. In the third, on the mercy, it is the divine attention to the most vulnerable human beings, and as such attention becomes central to the plan of salvation for those who knew Jesus Christ and want to be part of his kingdom.

Keywords: Creation; Incarnation; Mercy.

INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta três temas teológicos fundamentais na evangelização e na divulgação da Palavra de Deus. No contexto de diversidade cultural e desenvolvimento intelectual em que tudo pode ser questionado, é preciso pôr bases sólidas nas informações que são transmitidas.



Agora a teologia tem seu reconhecimento civil, é vista também sob outros aspectos que ultrapassam as observações e os interesses confessionais. A apresentação do pensamento teológico requer uma linguagem fiel aos seus princípios, inteligível à sociedade e culturalmente compreensível.

1. A CRIAÇÃO

Em consonância com a Bíblia, Deus é chamado o Criador, que também sustenta a criação por sua providência: "Criando pelo Verbo o universo (cf. Jo 1,3) e conservando-o" (DV 3; cf. GS 2b).¹

"A palavra do Senhor criou os céus" (Sl 33/32,6). Desse modo, indica-se que o mundo procede não do caos nem do acaso, mas duma decisão, o que o exalta ainda mais. Há uma opção livre, expressa na palavra criadora. O universo não apareceu como resultado duma onnipotência arbitrária, duma demonstração de força ou dum desejo de autoafirmação. A criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação: "Tu amas tudo quanto existe e não detestas nada do que fizeste; pois, se odiasses alguma coisa, não a terias criado" (Sab 11, 24). Então cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. Até a vida efêmera do ser mais insignificante é objeto do seu amor e, naqueles poucos segundos de existência, Ele envolve-o com o seu carinho. Dizia São Basílio Magno que o Criador é também "a bondade sem cálculos", e Dante Alighieri falava do "amor que move o sol e as outras estrelas". Por isso, das obras criadas pode-se subir "à sua amorosa misericórdia".²

A Bíblia mostra reiteradamente que, quando Deus criou o mundo com sua palavra e com o alento de sua boca, expressou satisfação dizendo: "que era bom" (Gn 1,21), e quando criou o ser humano, homem e mulher, disse que "era muito bom" (Gn 1,31). O mundo criado por Deus é belo. Procedemos de um desígnio divino de sabedoria e amor. Mas, através do pecado, essa beleza originária foi desonrada e essa bondade ferida. Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo, em seu mistério pascal, recriou o homem, fazendo-o filho e dando a ele a garantia de novos céus e de uma nova terra (cf. Ap 21,1). Levamos a imagem do primeiro Adão, mas somos chamados também, desde o princípio, a produzir a imagem de Jesus Cristo, novo Adão (cf. 1 Cor 15,45). A criação leva a marca do Criador e deseja ser libertada e "participar na gloriosa liberdade dos filhos de Deus" (Rm 8,21).³

Sem repropor aqui toda a teologia da Criação, queremos saber o que nos dizem as grandes narrações bíblicas sobre a relação do ser humano com o mundo. Na primeira narração da obra criadora, no livro do Gênesis, o plano de Deus inclui a criação da humanidade. Depois da criação do homem e da mulher, diz-se que "Deus, vendo a sua obra, considerou-a muito boa" (Gn 1, 31). A Bíblia ensina que cada ser humano é criado por amor, feito à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 26). Essa afirmação mostra-nos a imensa dignidade de cada pessoa humana, que "não é somente alguma coisa, mas alguém. É capaz de se conhecer, de se

¹ KONINGS, J. Deus, p. 257.

² FRANCISCO, *Laudato Si'*, n° 77.

³ CELAM, Documento de Aparecida, n° 27.



possuir e de livremente se dar e entrar em comunhão com outras pessoas". São João Paulo II recordou que o amor muito especial que o Criador tem por cada ser humano "confere-lhe uma dignidade infinita". Todos aqueles que estão empenhados na defesa da dignidade das pessoas podem encontrar, na fé cristã, as razões mais profundas para tal compromisso. Como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador, num mundo regido pelo puro acaso ou por ciclos que se repetem sem sentido! O Criador pode dizer a cada um de nós: "Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia" (Jr 1, 5). Fomos concebidos no coração de Deus e, por isso, "cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um de nós é amado, cada um é necessário".⁴

Quando o Gênesis fala dos humanos como "dominando" as outras criaturas, ele está estabelecendo uma relação entre Deus, que rege o universo, e os seres humanos. O Gênesis afirma a dignidade do homem, fazendo-o exercer uma função semelhante à de Deus, um papel negado às outras criaturas. Esse papel, dado ao homem por Deus, é uma forma criada da sabedoria que Deus desfruta por natureza.⁵

A criação encontra a sua maior elevação na Eucaristia. A graça, que tende a manifestar-se de modo sensível, atinge uma expressão maravilhosa quando o próprio Deus, feito homem, chega ao ponto de fazer-Se comer pela sua criatura. No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo através dum pedaço de matéria. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-Lo a Ele no nosso próprio mundo. Na Eucaristia, já está realizada a plenitude, sendo o centro vital do universo, centro transbordante de amor e de vida sem fim. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus. Com efeito, a Eucaristia é, por si mesma, um ato de amor cósmico. "Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja da aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, *sobre o altar do mundo*". A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo, saído das mãos de Deus, volta a Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico, "a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador". Por isso, a Eucaristia é também fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira.⁶

As representações bíblicas da criação, com demasiada frequência reduzidas a uma só, são abundantes... O pluralismo da pesquisa teológica torna difícil a generalização, mas um número de elementos deixa pensar que se está caminhando para um novo equilíbrio; compreensão mais justa das narrações bíblicas, apaziguamento das controvérsias sobre a evolução, superação dos concordismos vãos, desejo razoável de certa unidade intelectual que tome a sério a ciência sem fazer dela uma autoridade teológica e, sobretudo, a reintegração da criação na história da salvação sem que nela desapareça - afinal, a criação nunca foi pregada

⁴ FRANCISCO, *Laudato Si'*, nº 65.

⁵ GARASCIA, M. M. *Antropologia Teológica*, p. 152.

⁶ FRANCISCO, *Laudato Si'*, nº 236.



para dar um conhecimento, mas para (re)introduzir em uma relação que é a origem e o fim do ser humano: "Tu amarás aquele que te criou".⁷

Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou com o coração trespassado a morte de Jesus, assim também agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua beleza. É a Mulher "vestida de sol, com a lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça" (Ap 12,1). Elevada ao céu, é Mãe e Rainha de toda a criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que "guardava" cuidadosamente (cf. Lc 2,51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-Lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio.⁸

As histórias da criação hebraicas ensinam que o ser humano foi criado deliberadamente por um Deus Único, origem de todas as coisas criadas, para fazer parte de um universo de múltiplas criaturas, um universo que a intenção e a influência divinas tornaram harmoniosos. Outro tema importante da mitologia hebraica da criação era o de que toda a criação era boa, especialmente o corpo físico da mulher, a qual é representada participando da natureza do homem e considerada sua companheira.⁹

Como os hebreus não eram dados a especulações abstratas de cunho metafísico apriorístico, eles formaram sua concepção de origem do mundo a partir de sua experiência histórica da ação de Deus no Êxodo e na Aliança. Somente após estas duas é que a criação se tornará objeto de reflexão e por isso será posta como prévia da Salvação/Aliança. Dessa forma, a criação é vista em função da história da salvação; desde a origem apareceria o *telos* do projeto divino expresso na Aliança.¹⁰

Na cruz, quando Cristo suportava na sua carne o dramático encontro entre o pecado do mundo e a misericórdia divina, pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do amigo. Naquele momento crucial, antes de declarar consumada a obra que o Pai lhe havia confiado, Jesus disse a Maria: "Mulher, eis o teu filho!" E, logo a seguir, disse ao amigo bem-amado: "Eis a tua mãe!" (Jo 19,26-27). Estas palavras de Jesus, no limiar da morte, não exprimem primariamente uma terna preocupação pela sua Mãe; mas são, antes, uma fórmula de revelação que manifesta o mistério de uma missão salvífica especial. Jesus deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. E só depois de fazer isto é que Jesus pôde sentir que "tudo se consumara" (Jo 19,28).¹¹

Baseando-se nos ensinamentos dos Padres que o antecederam, Cirilo (cerca de 380-444) ensinava que os seres humanos podem ser vistos como imagens de Deus sob várias

⁷ FERNANDEZ, I. Criação, p. 469 e 478.

⁸ FRANCISCO, *Laudato Si'*, n° 241.

⁹ GARASCIA, M. M. Antropologia Teológica, p. 151.

¹⁰ PADILHA, A. A. Alguns Aspectos para a Leitura do Conceito de Criação no Antigo Testamento, p. 68.

¹¹ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 285.



perspectivas. Uma dessas perspectivas dizia respeito à posse de qualidades que Deus possui em grau supremo. Cirilo isola a razão como faculdade humana específica ou poder que capacita os humanos a serem como Deus, misericordiosos e bons.¹²

A esperança da realização definitiva do Reino de Deus. Na pregação de Jesus, o conceito reino de Deus ocupa a centralidade. A palavra Basileia, que remete à ideia de governo ou soberania, permite-nos compreender que o Reino de Deus é um conceito escatológico. A governabilidade de Deus diz respeito a sua habitação. E Deus habitará definitivamente a sua criação, então será tudo em todos.¹³

Uma vez que a vida divina é essencialmente criativa, devem ser usados os três modos de tempo para simbolizá-la. Deus criou o mundo, é criativo no momento presente e plenificará criativamente seu *telos*. Portanto, devemos falar em criação originante, criação mantenedora e criação diretiva. Isso significa que não só a preservação do mundo, como também a providência, estão incluídas na doutrina da criatividade divina.¹⁴

Para compreender a fé cristã na criação é necessário tratá-la com um olho na diversidade de questões que emergiram numa longa e complexa história. A mais imediata a nós é a questão da ciência com a religião numa cultura científica e tecnologicamente avançada. Essa questão encontra-se expressa em duas formas principais: o desafio da ciência evolutiva à fé religiosa e a preocupação com a ecologia. A ecologia muito aprende com o estudo da evolução biológica, como, por sua vez, contribui muito para tal estudo. A evolução e, numa dimensão menor, a ecologia, fornecem-nos lentes para pesquisarmos os principais desenvolvimentos recentes nas teologias que tratam da criação.¹⁵

2. A ENCARNAÇÃO

O Deus Criador, que constitui o mundo e o conserva, proporciona, em Cristo, a vida e a salvação (cf. LG 16). Para o cristão, o acesso a Deus é, por imanência, Jesus Cristo, o homem de Nazaré, que vive Deus na carne humana e é conhecido pela narrativa dos evangelhos e pelos demais escritos do Novo Testamento. Comunicando, por palavra e ato, o que Deus é, Jesus é Palavra de Deus: "Jesus Cristo, portanto, Verbo feito carne, enviado como 'homem aos homens' (cit. Carta a Diogneto 7,4), 'fala as palavra de Deus' (Jo 3,34) e consuma a obra salvífica que o Pai lhe confiou (cf. Jo 5,36; 17,4)" (DV 4a). Nesta visão "cristocêntrica" e "teofânica", se o Pai é a fonte, Jesus é o mediador. Tudo o que é mediação entre Deus e o ser Humano passa por Jesus.¹⁶

"E o Verbo se fez carne": essas palavras donde provém o vocábulo "encarnação", dizem mais que a união do Verbo à natureza humana. "Carne" conota a precariedade da condição dos vivos, sujeitos à morte. A palavra sugere também uma comunicação com os homens que

¹² GARASCIA, M. M. Antropologia Teológica, p. 153.

¹³ XAVIER, D. J. 2015, p. 229.

¹⁴ TILLICH, P. Teologia Sistemática, p. 213.

¹⁵ CLIFFORD, A. M. A Criação, p. 259.

¹⁶ KONINGS, J. Deus, p. 257.



utiliza os caminhos da história da salvação. Cristo revela assim a Glória do Pai em e por uma história autenticamente humana. A encarnação do Verbo e "tudo o que aconteceu com nele" são verdadeiramente desta terra, mas exprimem igualmente um mistério interior a Deus e a ele conduzem, comunicando a realidade divina de que estão repletos.¹⁷

O Pai envia seu Filho Jesus Cristo, o consagra e por ele se revela. Cristo é a imagem do Deus invisível; Deus o constitui princípio da salvação; por Cristo temos acesso ao Pai num só espírito. Deus nos escolheu e destinou para sermos filhos adotivos em Cristo, no qual recapitula tudo, para, salvos depois do pecado, sermos conformes à imagem de seu Filho.¹⁸

É Deus Pai que nos atrai por meio da entrega eucarística de seu Filho (cf. Jo 6,44), dom de amor com o qual saiu ao encontro de seus filhos, para que, renovados pela força do Espírito, possamos chamá-lo de Pai: "Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou seu próprio Filho, nascido de uma mulher, nascido sob o domínio da lei, para nos libertar do domínio da lei e fazer com que recebêssemos a condição de filhos adotivos de Deus. E porque já somos filhos, Deus enviou o Espírito de seu Filho a nossos corações e o Espírito clama: Abbá! Pai!" (Gl 4,4-6). Trata-se de uma nova criação, onde o amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo, renova a vida das criaturas.¹⁹

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, "rico em misericórdia" (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como "Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade" (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina. Na "plenitude do tempo" (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor. Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa, Jesus de Nazaré revela a misericórdia de Deus.²⁰

Jesus vivia em plena harmonia com a criação, com grande maravilha dos outros: "Quem é este, a quem até o vento e o mar obedecem?" (Mt 8, 27). Não se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida. Falando de Si mesmo, declarou: "Veio o Filho do Homem que come e bebe, e dizem: 'Aí está um glutão e bebedor de vinho'" (Mt 11, 19). Encontrava-se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades deste mundo. Todavia, ao longo da história, estes dualismos combatidos tiveram notável influência nalguns pensadores cristãos e desfiguraram o Evangelho. Jesus trabalhava com suas mãos, entrando diariamente em contato com matéria criada por Deus para moldá-la com a sua capacidade de artesão. É digno de nota que a maior parte da sua existência terrena tenha sido consagrada a esta tarefa, levando uma vida simples que não despertava maravilha alguma: "Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria?" (Mc 6, 3). Assim santificou o trabalho, atribuindo-lhe um valor peculiar para o nosso amadurecimento. São João Paulo II ensinava

¹⁷ BEAUCHAMP, P. Encarnação, p. 607.

¹⁸ KONINGS, J. Deus, p. 255.

¹⁹ CELAM, Documento de Aparecida, nº 241.

²⁰ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, pg. 1.



que, "suportando o que há de penoso no trabalho em união com Cristo crucificado por nós, o homem colabora, de alguma forma, com o Filho de Deus na redenção da humanidade".²¹

Segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: "Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele" (Cl 1,16). O prólogo do Evangelho de João (1,1-18) mostra a atividade criadora de Cristo como Palavra divina (*Logos*). Mas o mesmo prólogo surpreende ao afirmar que esta Palavra "Se fez carne" (Jo 1, 14). Uma Pessoa da Santíssima Trindade inseriu-Se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia.²²

A cruz de Jesus, segundo Rahner, não deve ser vista à parte e em si mesma, mas sempre em união com a ressurreição. A morte e a ressurreição de Jesus só se entendem direito se se vê claramente a conexão íntima dessas duas realidades; a sua unidade que, em face da distância 'em tempo' entre ambos os acontecimentos (na medida em que é simplesmente possível pensar significativamente a respeito de não-temporalidade do acontecido na ressurreição), aqui certamente não se deve negar, mas deve ser considerada sem muita importância. A morte de Jesus é uma morte que, em virtude do seu próprio ser, se anula na ressurreição; uma morte que vai morrendo na ressurreição. Esta, por sua vez, não significa o início de um novo período da vida de Jesus, repleto de outra novidade e se prolongando através do tempo que continua. A ressurreição significa, pelo contrário, precisamente a definitividade permanente e salva da una e única vida de Jesus que conquistou essa definitividade permanente de sua vida, justamente pela morte livre em obediência. A partir disso, na hipótese de que o destino de Jesus tem realmente significação soteriológica, esta significação não pode ser posta nem só na morte nem só na ressurreição: ela deve, pelo contrário, receber a sua luz, ora de um, ora do outro aspecto do único evento.²³

"Aqueles que o Espírito anima são filhos de Deus" (Rm 8,14). A hora de Jesus introduz os irmãos na filiação que é sua. A especificidade do dom do Espírito, proposta aos homens, significa e faz que os "irmãos" são ao mesmo tempo "filhos", além de herdeiros, e continuadores de Jesus ao longo da história, e mais que discípulos: respiram da mesma vida-verdade que ele tinha recebido; é pela liberdade que participam da condição de filhos desse Jesus que chamam de "Mestre e Senhor". Essa dimensão, ainda inacabada da condição filial dá, ou dará, toda a sua dimensão à obra divina.²⁴

A realidade é superior à ideia. Este critério está ligado à encarnação da Palavra e ao seu cumprimento: "Reconheceis que o espírito é de Deus por isto: todo o espírito que confessa Jesus Cristo que veio em carne mortal é de Deus" (1Jo 4,2). O critério da realidade, de uma Palavra já encarnada e sempre procurando encarnar-se, é essencial à evangelização. Por um lado, leva-nos a valorizar a história da Igreja como história de salvação, a recordar os nossos Santos que inculturaram o Evangelho na vida dos nossos povos, a recolher a rica tradição

²¹ FRANCISCO, Laudato Si', n° 98.

²² FRANCISCO, Laudato Si', n° 99.

²³ WEGER, K.-H. Uma Introdução ao Pensamento Teológico, p. 173-174.

²⁴ BEAUCHAMP, P. Deus, p. 528.



bimilenária da Igreja, sem pretender elaborar um pensamento desligado deste tesouro como se quiséssemos inventar o Evangelho. Por outro lado, este critério impele-nos a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra. Não pôr em prática, não levar à realidade a Palavra é construir sobre a areia, permanecer na pura ideia e degenerar em intimismos e gnosticismos que não dão fruto, que esterilizam o seu dinamismo.²⁵

Criação, revelação, salvação tem uma unidade profunda, de raiz. A salvação é o sentido último não só da caminhada da humanidade, mas de todo o cosmos. A criação entende-se, portanto, nesse dinamismo. E a revelação é a face de manifestação de tal dinamismo. Nada existe que não tenha relação com a obra salvífica de Cristo, quer em termos de história, de humanidade, quer de cosmos. Afugenta para longe qualquer leitura maniqueísta e gnóstica do mundo. A matéria não é má. A bondade não lhe vem, num primeiro momento criador (Gn 1,31), e depois se perverte pelo pecado. Desde o início tudo já foi criado na redenção, em ordem à salvação, com o destino da glorificação na ressurreição de Jesus.²⁶

Karl Rahner desenvolveu uma concepção de Jesus como o Salvador definitivo, ou o Mediador escatológico (final) da salvação. Embora as origens de sua cristologia estejam na reflexão sobre o ensinamento da Igreja sobre Jesus, seu pensamento é mais bem compreendido contra o pano-de-fundo de sua antropologia teológica. Rahner compreende o ser humano como espírito-no-mundo, abertura finita para o mistério infinito de Deus. Para o ser humano, a salvação consiste fundamentalmente na participação na vida divina - acima e além de tudo de que a natureza humana, a partir de si mesma, poderia exigir ou alcançar. É dom gratuito de Deus, gratuitamente oferecido a todos.²⁷

Graças ao Vaticano II, tornou-se presente uma nova compreensão do Reino de Deus. A leitura renovada dos evangelhos mostrou que Jesus veio anunciar e iniciar o reinado de Deus aqui na terra, no meio da humanidade, e como fermento na História. O Reino de Deus não é mais visto em primeiro lugar como algo do além, mas do aquém - naturalmente, sem excluir a dimensão trans-histórica, expressa, sobretudo, por Paulo, na linguagem da escatologia futura.²⁸

A fé e a razão celebram o seu maior triunfo porque a fé é o dom infinito, o dom que brota da intimidade de Deus, e a razão é o dom finito. É precisamente no mistério da Encarnação, nessa união íntima, substancial, indissolúvel, do Infinito e do Finito, que podemos entender a simbiose entre fé e razão, sem confusão, cada qual na sua autonomia, realidades distintas, mas não separadas. Pelo exposto, vê-se como fé e razão dinamizadas pela vontade se entrelaçam perfeitamente. Uma não se opõe à outra; mas uma ajuda a outra, dentro da respectiva autonomia. A fé não abafa a razão, não a mortifica, não a humilha, mas, muito pelo contrário, exalta-a, fazendo-a entrar na esfera do divino. Refletindo sobre essas realidades presentes no ato de fé: inteligência (razão), vontade, graça, notamos de modo muito claro como o ser

²⁵ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 233.

²⁶ LIBANIO, J. B. *Teologia da Revelação a Partir da Modernidade*, p. 258.

²⁷ GALVIN, J.P. *Jesus Cristo*, p. 415.

²⁸ KONINGS, J. *Deus*, p. 260.



humano é perpassado pelo divino. A Encarnação do Verbo, do Filho de Deus, oferece-nos a chave para entendermos a maravilha do amor de Deus para conosco.²⁹

É preciso cultivar sempre um espaço interior que dê sentido cristão ao compromisso e à atividade. Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, abatemo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se. A Igreja não pode dispensar o pulmão da oração, e alegram-me imensamente que se multipliquem, em todas as instituições eclesiais, os grupos de oração, de intercessão, de leitura orante da Palavra, as adorações perpétuas da Eucaristia.³⁰

As formas próprias da religiosidade popular são encarnadas porque brotaram da encarnação da fé cristã numa cultura popular. Por isso mesmo, incluem uma relação pessoal, não com energias harmonizadoras, mas com Deus, Jesus Cristo, Maria, um Santo. Têm carne, têm rostos. Estão aptas para alimentar potencialidades relacionais e não tanto fugas individualistas. Noutros setores da nossa sociedade, cresce o apreço por várias formas de "espiritualidade do bem-estar" sem comunidade, por uma "teologia da prosperidade" sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista.³¹

3. A MISERICÓRDIA

Derivado diretamente do latim, o termo misericórdia guarda claros vestígios de sua etimologia: a misericórdia emana do homem *miseriors*, aquele cujo coração reage diante da miséria do outro. Vale dizer que a misericórdia visa a um dos aspectos da sensibilidade humana. No entanto, por um antropomorfismo decidido, é a Deus que a versão latina da Bíblia transfere este atributo. Sem levar em conta o novo Testamento, utiliza 273 vezes o termo; é preciso acrescentar-lhes as 173 ocorrências do verbo *misereor* e os 31 empregos do adjetivo *miseriors*; na grande maioria dos casos, esses diferentes lexemas remetem ao agente divino. É, portanto, com um atributo bem divino que a Bíblia latina apresenta a misericórdia. Cabe perguntar qual léxico hebraico recobre esta família de palavras. Estas repousam majoritariamente sobre três raízes: *râham*, *hânan* e *hâsad*. Os comentadores se detêm no mais das vezes na primeira, fazendo observar que o substantivo plural que dela deriva (*rahamîm*), que se traduz por "compaixão", tem como singular a palavra *rèhhèm*, que designa por seu turno o útero da mulher. Discretamente, o atributo bíblico de misericórdia apresenta assim o agente divino sob um aspecto maternal. Com base nisso, o binômio "justiça/misericórdia", que aparece em todas as seções da Bíblia hebraica, poderia ser interpretado como designando uma completude simbólica da figura divina, que integra traços tanto paternos quanto maternos.³²

²⁹ LORSCHIEDER, A. C. As aventuras da fé, p. 14 e 17.

³⁰ FRANCISCO, Evangelii Gaudium, n° 262.

³¹ FRANCISCO, Evangelii Gaudium, n° 90.

³² CERBELAUD, D. Misericórdia, p. 1150.



A salvação que Deus nos oferece é obra da sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. Por pura graça, Deus no atrai para nos unir a si. Envia o seu Espírito aos nossos corações, para nos fazer seus filhos, para nos transformar e tornar capazes de responder com a nossa vida ao seu amor. A Igreja é enviada por Jesus Cristo como sacramento da salvação oferecida por Deus. Através da sua ação evangelizadora, ela colabora como instrumento da graça divina, que opera incessantemente para além de toda e qualquer possível supervisão. Bem o exprimiu Bento XVI, ao abrir as reflexões do Sínodo: "É sempre importante saber que a primeira palavra, a iniciativa verdadeira, a atividade verdadeira vem de Deus e só inserindo-nos nesta iniciativa divina, só implorando esta iniciativa divina, nos podemos tornar também – com Ele e nele – evangelizadores." O princípio da *primazia da graça* deve ser um farol que ilumine constantemente as nossas reflexões sobre a evangelização.³³

O desígnio de Deus não é outra coisa senão o pleno descobrimento do seu amor: "Por nímia misericórdia e bondade Sua, criou-nos livremente e, além disso, chamou-nos gratuitamente à comunhão de Sua vida e de Sua glória. Generosamente difundiu a divina bondade e não cessa de difundir-la. Criador do universo, tornar-se-á 'tudo em todas as coisas' (1Cor 15,28), procurando ao mesmo tempo Sua glória e sua beatitude" (AG 2b; cf. LG 42a). E essa comunicação não se destina só aos indivíduos, mas à comunidade humana socialmente estruturada (cf. AG 2b-3a).³⁴

No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo "se fez pobre" (2Cor 8,9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós através do "sim" dum jovem humilde, de uma pequena povoação perdida na periferia de um grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com duas pombinhas, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2,24; Lv 5,7); cresceu num lar de simples trabalhadores e trabalhou com as suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-no multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres" (Lc 4,18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acobardados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: "Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus" (Lc 6,20); e com eles se identificou: "Tive fome e destes-me de comer", ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25,34-40).³⁵

As Pessoas divinas são relações subsistentes; e o mundo, criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações. As criaturas tendem para Deus; e é próprio de cada ser vivo tender, por sua vez, para outra realidade, de modo que, no seio do universo, podemos encontrar uma série inumerável de relações constantes que secretamente se entrelaçam. Isto convida-nos não só a admirar os múltiplos vínculos que existem entre as criaturas, mas leva-nos também a descobrir uma chave da nossa própria realização. Na verdade, a pessoa humana cresce,

³³ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 112.

³⁴ KONINGS, J. *Deus*, 258.

³⁵ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 197.



amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas. Assim assume na própria existência aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a sua criação. Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade.³⁶

É preciso anunciar o Deus vivo e Cristo que ele enviou para a salvação de todos; todos devem conhecer o Deus verdadeiro, sendo a graça necessária para a fé. Deus não fica longe de quem o procura de coração sincero; ele pode ser reconhecido pela razão, é percebido como força humana nas religiões antigas, e adorado em outras confissões. Todas as religiões são um encaminhamento pedagógico para o Deus verdadeiro.³⁷

Jesus Cristo mesmo torna-se o mediador, definitivo, a fim de libertar o homem da sua condição. Somente na concepção de Cristo mediador se pode dar o fundamento de toda salvação: o mediador da redenção é idêntico ao mediador da criação, isto é, possui desde o início a igualdade funcional com Deus e tem a primazia sobre tudo o que é criado. Por isso, não se trata mais de expiar, mas de amar o próximo (Mt 11,28,30). Pela lei se oferecia sacrifícios; com Jesus, o perdão. O acesso a ele se dá pela entrega aos mais necessitados.³⁸

Evidentemente o próprio Jesus já entendeu a amorosa e salvífica dispensação de Deus aos homens, em especial aos necessitados e perdidos, como o sentido de seu próprio envio, e isso de tal modo que a dispensação do Pai aos perdidos acontece justamente por meio de seu próprio envio. Isso se expressa primeiramente na parábola da ovelha perdida (Mt 18, 12-14), numa parábola que foi transmitida na fonte dos ditos e associada por Lucas (14, 4-7) a duas outras parábolas de tradição independente - as parábolas da dracma perdida e do filho perdido (Lc 15, 8-32). Em todas essas parábolas, Jesus defendeu a dedicação de sua mensagem e de sua obra aos perdidos. As parábolas apresentam a Deus como aquele que procura o perdido e a misericórdia do Pai que se revela por meio disso. Adicionalmente, elas contêm o escopo de que a procura reveladora do amor de Deus pelo perdido se realiza por meio da própria obra e mensagem de Jesus. Entendidas como justificativa do comportamento e da mensagem de Jesus, essas parábolas visualizam não apenas uma atitude geral de Deus, mas identificam o próprio envio e a própria obra de Jesus como acontecimento do amor misericordioso do Pai. A interpretação cristã primitiva da morte de Jesus estendeu essa auto-interpretação de Jesus pelo sentido de sua morte e até mesmo pode concentrá-la nesse acontecimento (Rm 5, 8).³⁹

A pregação de Jesus apresenta-nos essas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos. Redescubramos as obras de misericórdia corporal: dar de comer aos famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus, acolher os peregrinos, dar assistência aos enfermos, visitar os presos, enterrar os mortos. E não esqueçamos as obras de misericórdia espiritual: aconselhar os indecisos, ensinar os ignorantes, admoestar os

³⁶ FRANCISCO, Laudato Si', n° 240.

³⁷ KONINGS, J. Deus, p. 256.

³⁸ SILVA, A. W. C. Argumentação Teológica, p. 9.

³⁹ PANNENBERG, W. Teologia Sistemática, p. 567-568.



pecadores, consolar os aflitos, perdoar as ofensas, suportar com paciência as pessoas molestas, rezar a Deus pelos vivos e defuntos.⁴⁰

A parábola contém um ensinamento profundo para cada um de nós. Jesus declara que a misericórdia não é apenas o agir do Pai, mas torna-se o critério para individuar quem são os seus verdadeiros filhos. Em suma, somos chamados a viver de misericórdia, porque, primeiro, foi usada misericórdia para conosco. O perdão das ofensas torna-se a expressão mais evidente do amor misericordioso e, para nós cristãos, é um imperativo de que não podemos prescindir. Tantas vezes, como parece difícil perdoar! E, no entanto, o perdão é o instrumento colocado nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz. Acolhamos, pois, a exortação do Apóstolo: "Que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento" (Ef 4, 26). E, sobretudo, escutemos a palavra de Jesus que colocou a misericórdia como um ideal de vida e como critério de credibilidade para a nossa fé: "Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5, 7) é a bem-aventurança a que devemos inspirar-nos, com particular empenho, neste Ano Santo.⁴¹

A ressurreição, como coroamento do fio dourado da Escritura, é a definitiva vitória da misericórdia sem sacrifício, porque é uma vitória sem produzir vencidos; vitória sem vingança, sem novas vítimas; é força suave que chega por testemunhas femininas, trazendo outra lógica, a da religião do dom de vida sem precisar de morte; do reconhecimento e da ação de graças, sem precisar do preço da vida. Doravante, a palavra "sacrifício", o da "Nova e Eterna Aliança". A universalidade cristã, onde não há mais grego ou judeu, homem ou mulher, livre ou escravo, mas onde todos se juntam à mesa de ação de graças – a Eucaristia – é uma universalidade concreta, de corpos e de relações sociais, e não teórica ou jurídica como a universalidade grega e romana. O Cristianismo se tornou a religião da misericórdia e da Eucaristia, e, por isso, da igualdade e da liberdade.⁴²

Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isto implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade; quer dizer anunciar e levar a salvação de Deus a este nosso mundo, que muitas vezes se sente perdido, necessitado de ter respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho. A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho.⁴³

A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser reproposto com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das

⁴⁰ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, p. 9.

⁴¹ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, p. 5-6.

⁴² SUSIN, L. C. Da Religião do Sacrifício à Religião da Fraternidade, p. 385-386.

⁴³ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n° 114.



peças e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia.⁴⁴

A Igreja reconheceu que a exigência de ouvir este clamor deriva da própria obra libertadora da graça em cada um de nós, pelo que não se trata de uma missão reservada apenas a alguns: "A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem, *escuta o clamor pela justiça* e deseja responder com todas as suas forças." Nesta linha pode-se entender o pedido de Jesus aos seus discípulos: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Mc 6,37), que envolve tanto a cooperação para resolver as causas estruturais da pobreza e promover o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos. Embora um pouco desgastada e, por vezes, até mal interpretada, a palavra "solidariedade" significa muito mais do que alguns atos esporádicos de generosidade; supõe a criação de uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns.⁴⁵

O Concílio Vaticano II passou a falar, pelo menos por boca de alguns de seus expoentes (Léger, Lercaro, Proaño, Helder Câmara...), a partir da experiência de Deus no coração da humanidade, situando-se ao lado dos últimos dos homens, na perspectiva de uma Igreja pobre e serva, e abrindo os olhos para o Deus libertador.⁴⁶

Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da nossa limitação e do nosso pecado.⁴⁷

Este imperativo de ouvir o clamor dos pobres encarna em nós quando no mais íntimo de nós mesmos nos comovemos à vista do sofrimento alheio. Voltemos a ler alguns ensinamentos da Palavra de Deus sobre a misericórdia, para que ressoem vigorosamente na vida da Igreja. O Evangelho proclama: "Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia" (Mt 5,7). O Apóstolo São Tiago ensina que a misericórdia para com os outros permite-nos sair triunfantes no juízo divino: "Falai e procedei como pessoas que hão de ser julgadas segundo a lei da liberdade. Porque, quem não pratica a misericórdia, será julgado sem misericórdia. Mas a misericórdia não teme o julgamento" (2,12-13). Neste texto, São Tiago aparece-nos como herdeiro do que tinha de mais rico a espiritualidade judaica do pós-exílio, a qual atribuía um especial valor salvífico à misericórdia: "Redime o teu pecado pela justiça, e as tuas iniquidades pela piedade para com os infelizes; talvez isto consiga prolongar a tua prosperidade" (Dn 4,24). Nesta mesma perspectiva, a literatura sapiencial fala da esmola como exercício concreto da misericórdia para com os necessitados: "A esmola livra da morte

⁴⁴ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, p. 7.

⁴⁵ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, nº 188.

⁴⁶ KONINGS, J. Deus, p. 253.

⁴⁷ FRANCISCO, *Misericordiae Vultus*, p. 1.



e limpa de todo o pecado" (Tb 12,9). E de forma ainda mais sensível se exprime Ben-Sirá: "A água apaga o fogo ardente e a esmola expia o pecado" (3,30). Encontramos a mesma síntese no Novo Testamento: "Mantende entre vós uma intensa caridade, porque o amor cobre a multidão dos pecados" (1Pe 4,8). Esta verdade permeou profundamente a mentalidade dos Padres da Igreja, tendo exercido uma resistência profética como alternativa cultural perante o individualismo hedonista pagão. Recordemos apenas um exemplo: "Tal como, em perigo de incêndio, correríamos a buscar água para o apagar (...), o mesmo deveríamos fazer quando nos turvamos porque, da nossa palha, irrompeu a chama do pecado; assim, quando se nos proporciona a ocasião de uma obra cheia de misericórdia, alegremo-nos por ela como se fosse uma fonte que nos é oferecida e na qual podemos extinguir o incêndio."⁴⁸

Na tradição judaico-cristã, dizer "criação" é mais do que dizer natureza, porque tem a ver com um projeto do amor de Deus, onde cada criatura tem um valor e um significado. A natureza entende-se habitualmente como um sistema que se analisa, compreende e gere, mas a criação só se pode conceber como um dom que vem das mãos abertas do Pai de todos, como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal.⁴⁹

O homem de hoje, apesar de ter tantas possibilidades de ser feliz, sente-se insatisfeito e abandonado. Só a responsabilidade pelo Outro me permite fazer a experiência da plenitude à semelhança do Bom Samaritano. Este Samaritano é apontado por Jesus como exemplo de caridade e de amor para com o próximo. Ele faz tudo, gratuitamente, segundo um espírito interior e não apenas um comportamento exterior. É gratuito e atua com amor pelos desamparados. Esta dimensão da vida não faz parte da filosofia dos princípios da Bioética, pelo que será inglório através deles procurarmos fundamentar uma verdadeira humanização. Enquanto a ética dos tradicionais princípios nos conduz a uma "ética dos mínimos", a ética da virtude e da misericórdia, intrínseca na atitude do Bom Samaritano, será o melhor paradigma de uma "ética de máximos".⁵⁰

Este é o momento favorável para mudar de vida! Este é o tempo de se deixar tocar o coração. Diante do mal cometido, mesmo crimes graves, é o momento de ouvir o pranto das pessoas inocentes espoliadas dos bens, da dignidade, dos afetos, da própria vida. Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza. A verdadeira vida é outra coisa. Deus não se cansa de estender a mão. Está sempre disposto a ouvir e eu também estou, tal como os meus irmãos bispos e sacerdotes. Basta acolher o convite à conversão e submeter-se à justiça, enquanto a Igreja oferece a misericórdia.⁵¹

"Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai, e vos será perdoado. Dai, e ser-vos-á dado; será derramada no vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante, pois com a medida com que medirdes sereis medidos também" (Lc 6, 37-38).

⁴⁸ FRANCISCO, Evangelii Gaudium, nº 193.

⁴⁹ FRANCISCO, Laudato Si', nº 76.

⁵⁰ MENESES, R. D. B. Teologia Aplicada O Bom Samaritano. p. 10 e 11.

⁵¹ FRANCISCO, Misericordiae Vultus, p. 12.



Cada paróquia e organização eclesial também pensem na organização do "voluntariado da misericórdia", organizando grupos e iniciativas concretas para o anúncio e o testemunho da misericórdia e para o exercício concreto das "obras de misericórdia": Cuidar dos pobres, visitar os doentes nos hospitais e nas casas, interessar-se pelos moradores de rua ("estive sem casa..."), pelos prisioneiros, pelos drogados, os idosos, os enlutados, os analfabetos, desempregados, etc.⁵²

CONCLUSÃO

Os temas abordados, fundamentais na teologia cristã, muitas vezes questionados numa cultura individualista, edonista e competitiva, não são de uma divulgação imediata em todos os ambientes. São fundamentais para uma cultura equilibrada, sensata e humanamente caracterizada. O ser humano que procura a Deus anseia pelos valores perenes, quando imerso nesta cultura secularizada e distante da Igreja, não reconhece na mensagem evangélica um caminho de realização e salvação.

Francisco afirma que a criação pertence à ordem do amor. O amor de Deus é a razão fundamental de toda a criação, que cada criatura é objeto da ternura do Pai que lhe atribui um lugar no mundo. De acordo com a Bíblia, quando Deus criou o mundo disse que "era bom", quando criou o homem e a mulher, imagens de Deus, disse que era "muito bom", então em toda a criação o ser humano ocupa um lugar privilegiado no coração de Deus.

Através do pecado, da desobediência dos nossos primeiros pais, a amizade e a harmonia entre Deus e o ser humano foi rompida. E para restaurar e recompor o que estava desgastado, Deus, o Pai, enviou seu próprio Filho, Jesus Cristo. Nascido de uma mulher, Maria, sob o domínio da lei, para nos resgatar do domínio da lei e tornar-nos filhos adotivos que no Espírito Santo, enviado por Jesus Cristo, clamamos "Abbá! Pai! (Gl 4,6).

Pela encarnação, Jesus vivia em plena harmonia com a criação, provocando a admiração das pessoas que o conheciam. Não se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das coisas aprazíveis da vida. Jesus trabalhava com suas mãos e era conhecido por sua profissão e seus relacionamentos familiares. Diziam dEle: Não é Ele o carpinteiro, o filho de Maria (Mc 6,3)? Santificou com suas atividades o trabalho, pelo qual o ser humano colabora, unido ao Senhor Jesus Cristo, na obra da redenção da humanidade.

Jesus Cristo, na sua vida terrena sofreu a morte de cruz, mas ao terceiro dia ressuscitou e quis permanecer na sua Igreja, no meio do povo por Ele conquistado, na Eucaristia, com seu corpo e sangue nas formas do pão e do vinho. Na eucaristia, Deus quer chegar ao nosso íntimo num pedaço de matéria. A eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. Por isso a eucaristia é luz e motivação nas nossas preocupações pela saúde, pela paz, pela família e pela preservação da natureza.

Da cruz Jesus Cristo pôde ver a seus pés a presença consoladora da Mãe e do discípulo que Ele amava. Jesus disse a Maria: "Mulher, eis o teu filho!" E, logo a seguir, disse ao amigo

⁵² SCHERER, C. O. P. Misericordiosos como o Pai, p. 21.



bem-amado: "Eis a tua mãe!" (Jo 19,26-27). Estas palavras de Jesus manifestam o mistério de uma missão salvífica: deixava-nos a sua Mãe como nossa Mãe. Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido e angustiado.

A salvação que Deus nos oferece é obra de sua misericórdia. Não há ação humana, por melhor que seja, que nos faça merecer tão grande dom. O seu desígnio é o pleno desenvolvimento do seu amor. E, no coração de Deus, os pobres ocupam um lugar preferencial, não exclusivo nem excludente. Assim, a Igreja, comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo, tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa.

A misericórdia é fonte de alegria, serenidade e paz; é condição da nossa salvação; é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da nossa limitação e do nosso pecado. Permanecer no caminho do mal é fonte apenas de ilusão e tristeza. Deus não se cansa de estender a mão. Está sempre disposto a ouvir, basta acolher o convite à conversão e submeter-se à justiça.

A abordagem destes temas visa a lembrar a necessidade da adaptação da linguagem aos destinatários da evangelização de forma qualificada para que a mensagem não caia no vazio, mas em terra fértil e dê seus frutos na vida e nas obras dos seus ouvintes. Dessa forma, não só o trabalho dos ministros e dos teólogos terão sentido, mas principalmente Jesus Cristo fará a diferença na construção de um mundo de fraternidade, justiça e paz.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUCHAMP, Paul. Deus. In Dicionário Crítico de Teologia. Dirigido por Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.
- BEAUCHAMP, Paul (e outros). Encarnação. In Dicionário Crítico de Teologia. Dirigido por Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1ª edição, 9ª reimpressão, 2013.
- CELAM. Documento de Aparecida. Brasília: CNBB. São Paulo: Paulinas e Paulus, 2007.
- CERBELAUD, Dominique. Misericórdia. In Dicionário Crítico de Teologia. Dirigido por Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.
- CLIFFORD, Anne M. A Criação. In Teologia Sistemática - Perspectivas Católico-Romanas. Organizado por Francis S. Fiorenza e John P. Galvin. São Paulo: Paulus, 1997.
- FERNANDEZ, Irène. Criação. In Dicionário Crítico de Teologia. Dirigido por Jean-Yves Lacoste. São Paulo: Paulinas e Loyola, 2004.
- FRANCISCO. A Alegria do Evangelho. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013.
- FRANCISCO. Laudato Si' - Sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: CNBB, 2015.
- FRANCISCO. Misericordiae Vultus.
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html. Acessado em 15/04/2015.



- GARASCIA, C.P.P.S., Mary M. Antropologia Teológica. In *Introdução à Teologia*. Organizado por Thomas P. Rausch. São Paulo: Paulus, 2004.
- GALVIN, John P. Jesus Cristo. In *Teologia Sistemática - Perspectivas Católico-Romanas*. Organizado por Francis S. Fiorenza e John P. Galvin. São Paulo: Paulus, 1997.
- KONINGS, Johannes. Deus. Dicionário do Concílio Vaticano II. Dirigido por João Décio Passos e Wagner Lopes Sanchez. São Paulo: Paulus, 2015.
- LIBÂNIO, João Batista. *Teologia da Revelação a Partir da Modernidade*. Coleção Fé e Realidade. São Paulo: Loyola, 1995, 2ª edição.
- LORSCHIEDER, Aloísio Cardeal. As aventuras da fé. In *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 11-18, 2º sem. 2003. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/595>. Acessado em 16/11/2015.
- MENESES, Ramiro Délio Borges de. Teologia Aplicada - O Bom Samaritano (Lc 10,25–37): pelo Caminho da Principiologia. In *Revista de Cultura Teológica* - v. 15 - n. 61 - out/dez 2007. Acessado em 16/11/2015.
- PADILHA, Alyson Augusto. Alguns Aspectos para a Leitura do Conceito de Criação no Antigo Testamento. In *Revista de Cultura Teológica* - v. 14 - n. 54 - Jan/Mar 2006. <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/14969>. Acessado em 16/11/2015.
- PANNERBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática. Volume 1*. Tradução de Ilson Kayser. Santo André: Academia Cristã, São Paulo: Paulus, 2009.
- SCHERER, Cardeal Odilo Pedro. Misericordiosos como o Pai - Carta Pastoral à Arquidiocese de São Paulo. Ano Extraordinário da Misericórdia, 2015-2016. <http://www.arquisp.org.br/sites/default/files/arquivos/arquidiocese/arquivos/arquisp-misericordiosos-como-o-pai.pdf>. Acessado em 23/11/2015.
- SILVA, Antonio Wardison C. Argumentação Teológica. In *REVELETEO - Revista Eletrônica Espaço Teológico*. <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/3458>. Acessado em 02/10/2015.
- SUSIN, Luiz Carlos. Da Religião do Sacrifício à Religião da Fraternidade. In *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 378-389, set./dez. 2010. <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/viewFile/8157/5847>. Acessado em 16/11/2015.
- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Paulinas, Editora Sinodal, 1984.
- XAVIER, Donizete José. A criação no processo escatológico. In *Revista de Cultura Teológica*. Ano XXIII, nº 85, Jan/Jun 2015. <http://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/23779/17054>. Acessado em 16/11/2015.
- WEGER, Karl-Heinz. *Karl Rahner - Uma Introdução ao Pensamento Teológico*. São Paulo: Loyola, 1981.